

Raça, branquitude e produção científica na Biblioteconomia e Ciência da Informação: tensões epistêmicas em perspectiva bibliométrica**Race, whiteness, and scientific production in Library and Information Science: epistemic tensions from a bibliometric perspective****Raza, blanquitud y producción científica en Bibliotecología y Ciencia de la Información: tensiones epistémicas desde una perspectiva bibliométrica****Rosângela Ferreira Odilon**

Graduanda em Biblioteconomia

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

 <https://orcid.org/0009-0000-5266-6953> E-mail: rosangela.odilon@hotmail.com**Nancy Sánchez Tarragó**

Doutora em Documentación e Información Científica

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-5114-6072> E-mail: nancy.sanchez@ufrn.br

Rev. Inf. na Soc. Contemp., Natal, RN, v. 10, 2026
ISSN 2447-0198

Submetido em: 25-11-2025
Reapresentado em: 20-04-2026
Aceito em: 21-04-2026

DOI: <https://doi.org/10.21680/2447-0198.2026v10n1>**RESUMO**

Este artigo apresenta uma análise bibliométrica da produção científica sobre racismo e branquitude na Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), com base em publicações indexadas nas bases Scopus, Dimensions e Brapci (2010–2024). O estudo tem como objetivo mapear a evolução temporal da produção, identificar autores, instituições, países e fontes mais produtivos e analisar a configuração temática das pesquisas. Os resultados indicam crescimento recente das publicações, com pico entre 2020 e 2022, período associado a transformações sociopolíticas que ampliaram a visibilidade global dos debates antirracistas. Observa-se o protagonismo de pesquisadoras negras em posições de liderança no cenário internacional e nacional, bem como forte concentração geográfica da produção em instituições dos Estados Unidos e o Brasil como um dos principais polos no Sul Global. Nas bases internacionais, a produção é majoritariamente composta por artigos científicos, enquanto na Brapci destacam-se também os anais de eventos científicos, especialmente do

ENANCIB, evidenciando o papel desses espaços na circulação de agendas críticas no contexto brasileiro. A análise temática revela diferenças entre os circuitos de publicação: enquanto as bases internacionais apresentam abordagens mais transversais associadas à diversidade e inclusão, a Brapci destaca perspectivas críticas e decoloniais articuladas a conceitos como branquitude, epistemicídio e justiça informacional. Conclui-se que, embora em expansão, essa agenda ainda apresenta baixa representatividade relativa na produção científica da área e permanece marcada por assimetrias estruturais na circulação do conhecimento.

Palavras-chave: racismo; branquitude; Biblioteconomia e Ciência da Informação; bibliometria; justiça informacional.

ABSTRACT

This article presents a bibliometric analysis of the scientific production on racism and whiteness in Library and Information Science (LIS), based on publications indexed in the Scopus, Dimensions, and Brapci databases (2010–2024). The study aims to map the temporal evolution of this production, identify the most productive authors, institutions, countries, and sources, and analyze the thematic configuration of the research. The results indicate recent growth in publications, with a peak between 2020 and 2022, a period associated with sociopolitical transformations that increased the global visibility of anti-racist debates. The findings highlight the prominent role of Black women researchers in leadership positions at both international and national levels, as well as a strong geographical concentration of production in institutions located in the United States, with Brazil emerging as one of the main hubs in the Global South. In international databases, production is predominantly composed of journal articles, whereas in Brapci conference proceedings also play a significant role, particularly those from ENANCIB, evidencing the importance of these venues for the circulation of critical research agendas in the Brazilian context. The thematic analysis reveals differences between publication circuits: while international databases tend to present more transversal approaches related to diversity and inclusion, Brapci emphasizes critical and decolonial perspectives articulated around concepts such as whiteness, epistemicide, and information justice. The study concludes that, although expanding, this research agenda still shows relatively low representation within LIS scientific production and remains marked by structural asymmetries in the circulation of knowledge.

Keywords: racism; whiteness; Library and Information Science; bibliometrics; informational justice.

RESUMEN

Este artículo presenta un análisis bibliométrico de la producción científica sobre racismo y blanquitud en Bibliotecología y Ciencia de la Información (BCI), basado en publicaciones indexadas en las bases Scopus, Dimensions y Brapci (2010–2024). El estudio tiene como objetivo mapear la evolución temporal de esta producción, identificar los autores, instituciones, países y fuentes más productivos, y analizar la configuración temática de las investigaciones. Los resultados indican un crecimiento reciente de las publicaciones, con un pico entre 2020 y 2022, período asociado a transformaciones sociopolíticas que ampliaron la visibilidad global de los debates antirracistas. Se observa el protagonismo de investigadoras negras en posiciones de liderazgo en los ámbitos internacional y nacional, así como una fuerte concentración geográfica de la producción en instituciones de Estados Unidos, con Brasil como

uno de los principales polos en el Sur Global. En las bases internacionales predominan los artículos científicos, mientras que en Brapci también destacan las actas del ENANCIB, evidenciando su papel en la circulación de agendas críticas en el contexto brasileño. El análisis temático muestra diferencias entre los circuitos de publicación: las bases internacionales presentan enfoques más transversales vinculados a la diversidad y la inclusión, mientras Brapci enfatiza perspectivas críticas y decoloniales. Se concluye que esta agenda, aunque en expansión, aún presenta baja representación relativa en la producción científica del área.

Palabras-clave: racismo; blanquitud; Bibliotecología y Ciencia de la Información; bibliometría; justicia informacional.

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre racismo e branquitude na Biblioteconomia e Ciência da Informação exige reconhecer que esses campos não se desenvolvem à margem das estruturas sociais que organizam o mundo. Pelo contrário, refletem, e muitas vezes reproduzem, dinâmicas históricas de poder, desigualdade e exclusão. Compreender as raízes do pensamento racial, portanto, é fundamental para analisar como determinadas práticas, discursos e silenciamentos se consolidaram também no campo informacional.

A sociedade moderna foi estruturada a partir da construção histórica do conceito de raça, elaborado no interior de processos de classificação e hierarquização social, segundo os quais características atribuídas aos grupos humanos passaram a definir inteligência, caráter, mobilidade social e o acesso a oportunidades. Tal visão serviu de justificativa para a perpetração de atrocidades, entre as quais se destaca a escravidão, “[...] uma prática social e econômica na qual um indivíduo adquire direitos de propriedade sobre outro, tornando-o sob o uso da força a condição de escravo” (Vergne; Rocha, 2021, p. 3). Essa ideologia foi reforçada também por instituições religiosas que, em diferentes contextos históricos, contribuíram para a construção simbólica da inferiorização de populações negras (Nunes, 2006).

A consolidação do conceito moderno de raça está associada ao desenvolvimento das ciências classificatórias europeias entre os séculos XVIII e XX, incluindo práticas antropométricas e projetos eugenistas formulados por autores como Francis Galton, posteriormente apropriados em diferentes contextos nacionais. No Brasil, iniciativas como a Sociedade Eugênica de São Paulo, liderada por Renato Kehl, evidenciam a institucionalização local dessas propostas e sua articulação com ideais de branqueamento populacional (Cavalheiro; Armada, 2020; Stepan, 2004).

Essas formulações atingiram expressão extrema nas políticas raciais do regime nazista na Alemanha, cuja política racial levou às últimas consequências a pseudociência da hierarquização humana, evidenciando, posteriormente, como demonstram autores como Almeida (2018 p. 24), que “[...] raça é elemento essencialmente político, sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológico”. A exposição dos impactos devastadores dessas políticas contribuiu para desmistificar o imaginário colonizador que sustentava a noção de raça como dado biológico e imutável. Nesse contexto, a branquitude, entendida como posição social e epistêmica que naturaliza privilégios e universaliza referências eurocentradas (Cardoso, 2010), opera como eixo estruturante que influencia desde a produção do conhecimento até os modos de organizá-lo.

Essas narrativas coloniais, permeadas por vieses raciais, não atuam apenas no tecido social mais amplo: elas estruturam também campos de conhecimento como a Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI). Embora se apresentem como áreas voltadas à democratização do acesso, seus sistemas classificatórios, práticas de organização e fundamentos epistemológicos foram historicamente moldados por referenciais eurocêntricos que hierarquizam saberes e invisibilizam produções africanas, indígenas e afro-diaspóricas (Garcez; Sales, 2025). Estudos como os de Adler (2017), Aquino e Santana (2013), Olson (2002), Santos (2020) e Tanus e Tanus (2020) evidenciam como o racismo atravessa as representações da informação, os sistemas de organização do conhecimento, como a Classificação Decimal Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU), e a própria composição dos acervos das bibliotecas.

Nesse sentido, a presença desses referenciais eurocêntricos nos sistemas de organização do conhecimento e nas práticas informacionais contribui para a manutenção de formas persistentes de violência epistêmica, historicamente associadas também às práticas de instituições socialmente percebidas como neutras, como escolas, bibliotecas, arquivos, museus, universidades e bases de dados, que participam, em maior ou menor medida, dos processos de legitimação de determinados conhecimentos como universais, enquanto outros são posicionados de forma periférica. Ao selecionar, organizar e difundir certos saberes em detrimento de outros, esses dispositivos historicamente operaram como “mecanismos de apagamento”, relegando conhecimentos africanos, indígenas, afrodiaspóricos e do Sul Global a posições periféricas e invisibilizadas, limitando sua influência em políticas, currículos e práticas profissionais. Tal dinâmica expressa a persistência da colonialidade do saber (Lander;

2005), responsável pela manutenção de hierarquias epistêmicas duradouras mesmo após o fim formal do colonialismo, convergindo com o que Carneiro (2005) denomina epistemicídio: a eliminação sistemática de cosmovisões não-europeias, silenciadas ou apropriadas pelo cânone ocidental para manter sua centralidade.

Diante desse cenário, observa-se que, embora existam estudos que discutam criticamente o racismo e a branquitude na BCI, ainda são escassas as análises bibliométricas sistemáticas que examinem a configuração dessa agenda de pesquisa em termos de autores, instituições, circulação internacional e tendências temáticas.

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral realizar uma análise bibliométrica da produção científica nacional e internacional sobre racismo, branquitude e temas correlatos na BCI, de modo a caracterizar padrões de autoria, institucionalidade, tipologia documental e tendências de pesquisa. Para isso, foram examinadas as bases Scopus, Dimensions e Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci), com os seguintes objetivos específicos: identificar os autores, instituições, países e periódicos com maior volume de publicações; analisar os padrões de coocorrência de palavras-chave a fim de identificar temas e tendências recorrentes; comparar a distribuição da produção entre bases internacionais e nacionais, buscando evidenciar possíveis assimetrias regionais; e mapear concentrações geográficas, institucionais e temáticas que apontem para desigualdades e hegemonias epistêmicas no campo.

Neste trabalho, adota-se uma perspectiva decolonial conforme formulada no âmbito das reflexões latino-americanas sobre a colonialidade do poder e do saber (Lander, 2005; Mignolo, 2007; Quijano, 2005), que compreendem a modernidade ocidental como inseparável da produção histórica de hierarquias raciais, epistêmicas e geopolíticas. No campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, essa abordagem permite problematizar a centralidade de referenciais euro-norte-americanos na organização do conhecimento, na definição de agendas científicas e na circulação internacional da produção acadêmica, contribuindo para interpretar as assimetrias observadas na produção científica sobre raça e branquitude analisadas neste estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão sobre raça, racismo e branquitude tem adquirido centralidade nos debates acadêmicos contemporâneos, refletindo a necessidade de compreender como hierarquias

raciais moldam instituições, práticas e formas de produção do conhecimento. No campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), essa discussão se torna ainda mais relevante, visto que o acesso à informação, a representação do conhecimento e a circulação de saberes são atividades fortemente atravessadas por determinações históricas, políticas e culturais.

Para compreender a presença dessas desigualdades no campo informacional, é necessário retomar brevemente as bases conceituais que estruturam o debate racial. O termo “raça”, como aponta Munanga (2004), não possui fundamento biológico, mas apresenta uma trajetória histórica marcada por usos sociais e políticos que se originam no âmbito das classificações da história natural, precursoras das atuais disciplinas da zoologia e da botânica, sendo posteriormente transposto para a classificação dos grupos humanos na modernidade. Ainda de acordo com Munanga (2022, p. 121), “o problema fundamental não está na raça, que é uma classificação pseudocientífica rejeitada pelos próprios cientistas da área biológica. O nó do problema está no racismo que hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação existente”.

Nesse sentido, a noção de racismo estrutural (Almeida, 2018) é fundamental para compreender como desigualdades raciais se reproduzem para além de atitudes individuais. Trata-se de um sistema historicamente constituído, enraizado nas instituições e normativas sociais que organizam o acesso a direitos, oportunidades e reconhecimento. Essa perspectiva é complementada por Mbembe (2014), ao demonstrar que a modernidade ocidental articulou o avanço capitalista à construção de hierarquias raciais, instituindo tecnologias de poder que continuam a operar de maneira naturalizada nas sociedades contemporâneas.

O impacto dessa lógica também se manifesta no plano subjetivo. Fanon (2008) discute como a interiorização da inferiorização racial molda identidades e produz mecanismos de autonegação em indivíduos racializados. A branquitude, nesse contexto, não se restringe a uma categoria identitária, mas opera como um padrão normativo de humanidade e de legitimidade epistemológica, cuja posição central é historicamente construída e naturalizada. Trata-se de um lugar social marcado por privilégios simbólicos, materiais e epistêmicos, frequentemente invisibilizados para aqueles que os ocupam (Bento, 2002; Cardoso, 2010). Os Estudos Críticos da Branquitude, consolidados a partir da década de 1990 (Schucman, 2014), têm como objetivo desestabilizar essa suposta neutralidade, evidenciando como a branquitude estrutura hierarquias raciais, define parâmetros de legitimidade e organiza relações sociais e de produção do conhecimento.

No campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, a branquitude manifesta-se não apenas como referência identitária implícita, mas como matriz normativa que orienta práticas de formação, organização e mediação da informação. Ela se expressa, por exemplo, na seleção de autores e bibliografias nos currículos, na construção de instrumentos de organização do conhecimento, na linguagem documentária, na composição de acervos e na própria ideia de neutralidade bibliotecária, frequentemente mobilizada como estratégia de manutenção do status quo informacional. Nesse sentido, a branquitude opera como um regime socioepistêmico que estrutura padrões de legitimidade do conhecimento no campo, contribuindo para a centralidade de determinadas tradições teóricas e a marginalização de epistemologias negras, indígenas e afrodiáspóricas (Silva; Saldanha; Pizarro, 2018; Silva; Garcez; Pizarro, 2023).

No Brasil, essas dinâmicas assumem contornos particulares, conformando o que Figueiredo e Grosfoguel (2009) denominam “racismo à brasileira”: uma forma de racismo estrutural marcada pela negação persistente de sua própria existência. Conforme apontam os autores, “[...] o racismo no Brasil é pior do que aquele existente nos Estados Unidos, já que a dinâmica racial no Brasil impossibilitou que os negros-mestiços desenvolvessem uma consciência racial” (Figueiredo; Grosfoguel, 2009, p. 227). Tal negação articula-se ao que Adichie (2019) denomina “história única”, responsável por simplificar narrativas históricas, invisibilizar perspectivas marginalizadas e sustentar estereótipos dominantes.

No campo da BCI, tais debates vêm crescendo, ainda que de maneira desigual. Pesquisas nacionais e internacionais têm apontado como sistemas de classificação, práticas de representação da informação e políticas de acervo foram historicamente estruturados sob referenciais eurocentrados, favorecendo perspectivas ocidentais e marginalizando saberes negros, indígenas e de outros grupos racializados (Adler, 2017; Gomes, 2016; Olson, 2002; Silva, 2020). Esses fenômenos podem ser compreendidos como expressões da colonialidade do saber, entendida, conforme discutem Lander (2005) e Mignolo (2007), como um regime de hierarquização epistêmica ancorado no eurocentrismo que se manifesta nas práticas de organização, representação e legitimação da informação ao estabelecer fronteiras simbólicas entre conhecimentos reconhecidos como universais e aqueles posicionados de forma periférica no campo informacional.

No âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação, a colonialidade do saber expressa-se, entre outros aspectos, na dependência histórica de referenciais euro-norte-

americanos, na centralidade geopolítica de determinados circuitos de publicação científica e na marginalização de epistemologias negras, indígenas e latino-americanas nos currículos, acervos e instrumentos de organização do conhecimento. Conforme argumenta Silva (2020), tais processos contribuem para a manutenção de hierarquias epistêmicas que estruturam a própria comunicação científica da área, influenciando quais temas circulam com maior legitimidade e visibilidade. Nesse sentido, a colonialidade do saber constitui uma chave analítica relevante para compreender as assimetrias observadas na produção científica sobre raça e branquitude na BCI.

Esse cenário tem motivado a emergência de iniciativas como a Biblioteconomia Negra, que propõem abordagens voltadas à valorização de epistemologias afrodiaspóricas e ao tensionamento da colonialidade do saber no campo (Silva; Saldanha, 2019). Essa perspectiva transcende a mera inclusão da diversidade, ao demandar uma ruptura epistêmica com modelos coloniais de organização do conhecimento, implicando a revisão de práticas, currículos e políticas de gestão da informação e contribuindo para deslocar a branquitude de seu lugar historicamente naturalizado como norma na área.

Apesar do avanço dessas discussões, ainda são relativamente escassos estudos que busquem sistematizar, em larga escala, a configuração dessa agenda de pesquisa na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Entre as iniciativas nesse sentido, destaca-se o estudo bibliométrico de Mongeon *et al.* (2021), que, a partir da análise de artigos indexados exclusivamente na base Web of Science, identificou crescimento recente da produção relacionada à temática racial na área, mas também evidenciou sua baixa representatividade no conjunto da literatura científica do campo, além de sua concentração em determinadas subáreas e de seu menor impacto em termos de citações quando comparado a outros temas da BCI.

No contexto brasileiro, alguns estudos têm buscado mapear a presença das temáticas raciais na produção científica da área, ainda que a partir de recortes específicos. Alves e Côrtes (2023), ao analisarem os anais do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Enancib) entre 1994 e 2019, identificaram a baixa representatividade de pesquisas sobre a população negra no principal evento científico da área, evidenciando que essa lacuna constitui uma expressão das dinâmicas de epistemicídio no campo. De modo complementar, Silva (2022) realizou um mapeamento bibliométrico da produção científica sobre racismo na Organização do Conhecimento indexada na base Scopus, identificando

tendências temáticas, canais de publicação e autores mais produtivos, mas também apontando limitações relacionadas à cobertura geográfica e linguística da base utilizada. Em conjunto, esses estudos evidenciam avanços na sistematização da literatura sobre relações raciais na BCI, ao mesmo tempo em que indicam a necessidade de análises com maior cobertura de bases de dados e contextos de circulação científica.

Por outro lado, pesquisas sobre circulação internacional do conhecimento têm demonstrado que a produção científica não se distribui de maneira equitativa entre países, idiomas ou tradições acadêmicas. Beigel (2013), ao analisar a relação entre centros e periferias no sistema científico global, argumenta que a circulação do conhecimento é estruturada por relações assimétricas que favorecem países do Norte Global e limitam a visibilidade de pesquisas produzidas na América Latina e em outros contextos periféricos. Essas desigualdades também se expressam nas bases de dados internacionais, que operam com critérios editoriais, linguísticos e comerciais capazes de privilegiar determinados periódicos, idiomas e agendas de pesquisa (Sánchez-Tarragó; Bufrem; Santos, 2015). Como resultado, parte significativa da produção científica do Sul Global, incluindo trabalhos sobre raça, branquitude e decolonialidade, permanece sub-representada nesses circuitos.

No campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, tais mecanismos contribuem para a consolidação de circuitos diferenciados de circulação do conhecimento científico (Beigel, 2013), ao mesmo tempo em que marginalizam formas de produção situadas, críticas e localizadas. Esse debate é particularmente relevante para compreender os padrões observados nesta pesquisa, como a concentração de autores em determinados países, a menor diversidade geográfica nas bases internacionais e as diferenças entre os mapas temáticos nacionais e internacionais.

Nesse sentido, o presente estudo apoia-se nesse referencial para interpretar padrões bibliométricos relacionados à produção científica sobre racismo, branquitude e temas correlatos na Biblioteconomia e Ciência da Informação, buscando compreender como a estrutura histórica das relações raciais influencia a distribuição da produção acadêmica, suas ênfases temáticas, centralidades geográficas e lacunas de pesquisa, bem como contribuir para a análise das desigualdades epistêmicas que atravessam a área.

3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem bibliométrica, de caráter quantitativo, descritivo e exploratório, com o objetivo de mapear e caracterizar a produção científica sobre racismo, branquitude e temas correlatos no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI). A bibliometria, conforme Lenine e Mörschbacher (2020), consiste em um conjunto de técnicas quantitativas aplicadas à produção científica que permitem identificar padrões de publicação, redes de colaboração, dinâmicas temáticas e estruturas de circulação do conhecimento em uma área específica.

A pesquisa foi realizada em três bases de dados complementares:

- a) Scopus – abrangência internacional, indexação seletiva e curadoria editorial;
- b) Dimensions – base multidisciplinar de acesso aberto, com ampla cobertura de publicações recentes;
- c) Brapci – base especializada em Biblioteconomia e Ciência da Informação no contexto brasileiro e latino-americano.

A combinação dessas bases permitiu captar tanto a produção internacional quanto a nacional, reduzindo vieses de cobertura associados a bases comerciais internacionais e ampliando a representatividade geográfica e linguística do corpus analisado.

Na Scopus e na Dimensions foram aplicados filtros temporais para o período de 2010 a 2024. Na Brapci, por sua vez, não foi definido ano inicial para a busca, estabelecendo-se apenas o limite final de 2024. As coletas foram realizadas na Brapci em 12 de julho de 2025 e, nas bases Dimensions e Scopus, em 7 de agosto de 2025, devido às especificidades operacionais de cada base.

As buscas utilizaram descritores em inglês e português relacionados às temáticas raciais e ao campo da BCI. Nas bases Scopus e Dimensions, foram aplicadas expressões de busca em inglês nos campos *Article title*, *Abstract*, *Keywords* e *Title and abstract*, respectivamente: ("*Library science*" OR "*knowledge organization*" OR "*library and information science*" OR "*librarianship*") AND ("*anti-blackness*" OR *racism* OR *racist* OR *racial* OR *ethnicity* OR BIPOC OR "*anti-racism*" OR "*critical race theory*" OR "*critical whiteness theory*" OR "*whiteness studies*"). A seleção dos descritores contemplou diferentes tradições conceituais do debate racial na literatura internacional, incluindo abordagens críticas contemporâneas

como a Teoria Crítica da Raça e a Teoria Crítica da Branquitude, com apoio do glossário *Racial Equity Tools* (Racial Equity Tool, c2020).

Na Brapci, utilizaram-se descritores equivalentes em português, adaptados às especificidades da indexação nacional: biblioteconomia e ciência da informação, organização do conhecimento, raça, racismo, racial, antirracismo, branquitude, teoria crítica da raça, teoria crítica da branquitude.

Como resultado das buscas, foram recuperados 655 registros, distribuídos da seguinte forma: Scopus (169 registros), Dimensions (407 registros) e Brapci (79 registros). Os registros recuperados foram exportados e organizados em planilhas do Microsoft Excel. O tratamento dos dados envolveu a padronização de nomes de autores, instituições e países, bem como a criação manual de um tesouro de termos, com o objetivo de uniformizar grafias, agrupar sinônimos e reduzir a dispersão terminológica nas análises de coocorrência.

Para atender aos objetivos do estudo, foram examinados os seguintes indicadores de produção científica: quantidade anual de publicações, quantidade de documentos por autor, instituição, país, tipologia documental e fonte.

Os dados padronizados foram exportados para o *software VOSviewer* (1.6.16), que gerou mapas de coocorrência de palavras-chave de autores e indexadas para cada base de dados. Essa técnica permite visualizar relações de proximidade semântica entre termos, identificar agrupamentos temáticos, analisar a densidade das conexões entre conceitos e evidenciar a formação de clusters temáticos associados às discussões raciais na BCI. Os mapas foram interpretados de forma descritiva e comparativa, destacando tendências e diferenças entre a produção nacional e internacional.

4 RESULTADOS

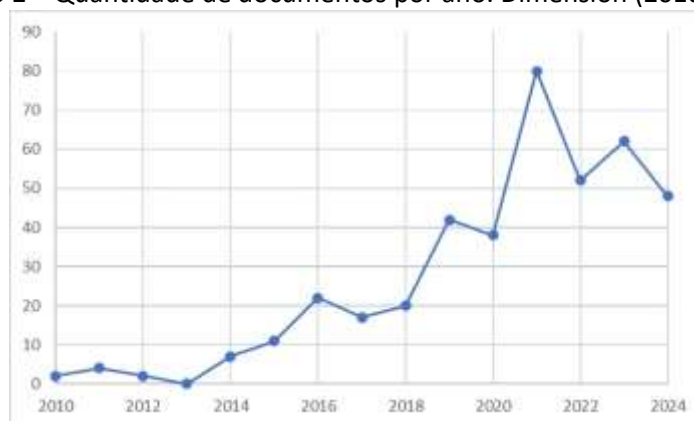
A seguir, são apresentados os resultados da análise bibliométrica realizada nas bases Scopus, Dimensions e Brapci. A exposição dos achados é organizada de forma comparativa, de modo a evidenciar convergências e divergências entre a produção científica nacional e internacional sobre racismo, branquitude e temas correlatos na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Para isso, são contrastados indicadores de produtividade, autoria, instituição, distribuição geográfica, fontes, tipologias documentais e padrões de coocorrência de palavras-chave.

Ao comparar as tipologias documentais das produções indexadas nas três bases analisadas, observa-se uma predominância consistente de artigos científicos, que representam cerca de 70% do total de cada base, indicando a centralidade dos periódicos como principal meio de circulação do conhecimento na BCI. Em seguida, aparecem os trabalhos em anais de eventos, com aproximadamente 20%, desempenho relativamente equilibrado entre as bases e refletindo a função dos congressos na divulgação inicial de pesquisas. Por fim, os capítulos de livros, que correspondem a cerca de 10% da amostra, aparecem de forma menos expressiva e com maior variação entre as bases, sugerindo que esse formato ocupa um papel complementar na comunicação científica na área.

A análise diacrônica da produção científica nas três bases de dados revela um crescimento gradual na produção sobre temáticas raciais na BCI ao longo da década, seguido por um aumento mais acentuado no período entre 2018 e 2022. Esse comportamento geral indica uma intensificação do interesse acadêmico no tema em escala global e nacional (Gráfico 1, 2 e 3).

A base Dimensions (Gráfico 1) apresenta crescimento contínuo desde 2015, com maior volume entre 2021 e 2023, seguido de ligeira redução em 2024. A Scopus (Gráfico 2), embora registre números absolutos menores, apresenta padrão semelhante de ascensão no início da década de 2020 e novo crescimento em 2024, sugerindo continuidade da indexação do tema em periódicos de maior seletividade editorial. Já a Brapci (Gráfico 3) apresenta crescimento mais tardio, com elevação mais nítida a partir de 2018, pico entre 2021 e 2022 e redução posterior no volume de publicações indexadas.

Gráfico 1 – Quantidade de documentos por ano. Dimension (2010 – 2024)

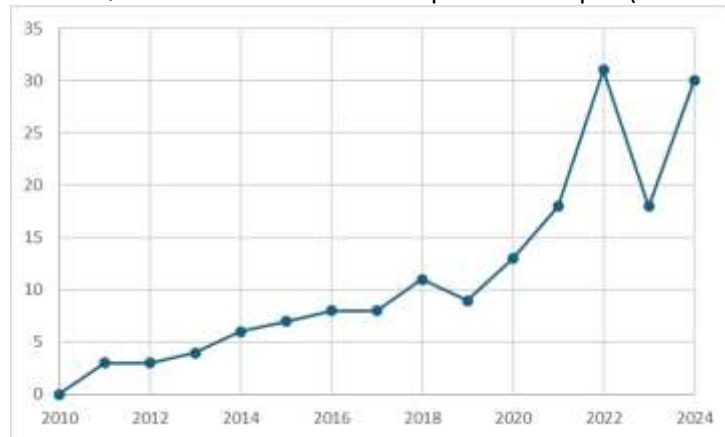


Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Descrição: Gráfico de linha que apresenta a evolução da quantidade de documentos publicados entre 2010 e 2024. O eixo vertical varia de 0 a 80 documentos, e o eixo horizontal apresenta os anos analisados. Entre 2010 e

2014, os valores permanecem baixos, variando entre 0 e 7 documentos. A partir de 2015, observa-se crescimento gradual, chegando a 22 documentos em 2016. Após pequenas oscilações em 2017 e 2018, ocorre aumento mais acentuado em 2021 e 2023. O pico da série é registrado em 2021, com 80 documentos. Nos anos seguintes, há pequena redução em 2022, aumento em 2023 e nova queda em 2024, encerrando o período com 48 documentos. O gráfico indica tendência geral de crescimento da produção científica ao longo do período analisado. [Fim da descrição].

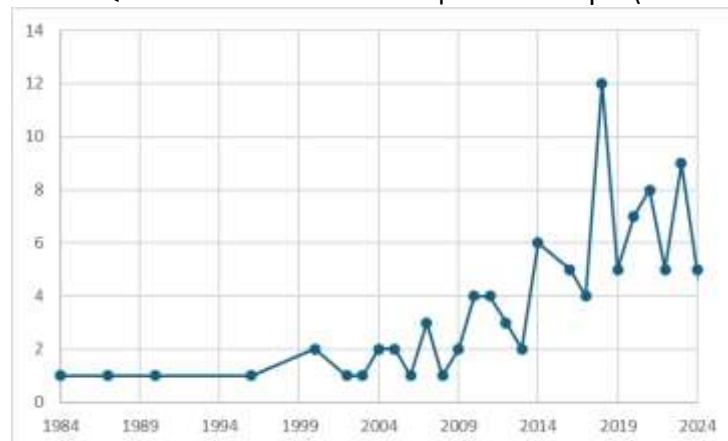
Gráfico 2 – Quantidade de documentos por ano. Scopus (2010 – 2024)



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Descrição: Gráfico de linha que apresenta a evolução da quantidade de documentos indexados na Scopus entre 2010 e 2024. O eixo vertical varia de 0 a 31 documentos, com intervalos de cinco unidades, e o eixo horizontal apresenta os anos analisados. Entre 2010 e 2014, os valores permanecem baixos, variando entre 0 e 7 documentos. Entre 2015 e 2019, observa-se crescimento gradual, com pequenas oscilações. A partir de 2020, o aumento torna-se mais acentuado, alcançando 18 documentos em 2021 e o pico de 31 em 2022. Em 2023 ocorre queda para 18 documentos, seguida de nova elevação em 2024, com 30 documentos. O gráfico indica tendência geral de crescimento da produção científica ao longo do período analisado. [Fim da descrição].

Gráfico 3 – Quantidade de documentos por ano. Brapci (1983– 2024)



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Descrição: Gráfico de linha que apresenta a evolução da quantidade de documentos indexados na Brapci entre 1983 e 2024. O eixo vertical varia de 0 a 12 documentos, e o eixo horizontal apresenta os anos analisados. Entre os anos 1980 e meados dos anos 1990, os valores permanecem estáveis em cerca de 1 documento por ano. A partir dos anos 2000, observa-se crescimento gradual, com pequenas oscilações entre 1 e 4 documentos. Após 2014, ocorre aumento mais acentuado, atingindo cerca de 6 documentos em 2015 e o pico da série, de 12 documentos, em 2018. Nos anos seguintes, há oscilações entre aproximadamente 5 e 9 documentos. O gráfico indica tendência geral de crescimento da produção científica ao longo do período analisado [Fim da descrição].

Comparativamente, observa-se sincronização do pico de publicações entre 2018 e 2022 nas três bases. A Dimensions concentra o maior volume de registros, refletindo sua ampla cobertura documental, enquanto a Brapci acompanha tendência semelhante em menor escala. A Scopus, por sua vez, mantém crescimento mais moderado e estável, compatível com sua política de indexação seletiva. Essas diferenças refletem características estruturais das bases e indicam ritmos distintos de consolidação do tema nos contextos nacional e internacional: enquanto as bases internacionais revelam continuidade e especialização crescente, a produção nacional apresenta oscilações mais marcadas, possivelmente associadas a limitações institucionais (financiamento reduzido, sobrecarga docente, menor inserção internacional) e à maior vulnerabilidade do sistema de periódicos científicos brasileiros, frequentemente caracterizado por dependência de trabalho voluntário, instabilidade de financiamento, infraestrutura tecnológica limitada, baixa internacionalização e suscetibilidade a mudanças institucionais.

Esse período coincide com eventos externos de grande repercussão, como a pandemia de COVID-19 e a amplificação global do movimento Black Lives Matter após o assassinato de George Floyd em 2020, que contribuíram para ampliar a visibilidade de desigualdades raciais já historicamente presentes nas agendas públicas e acadêmicas em diferentes contextos nacionais. Embora não seja possível estabelecer causalidade direta, é plausível que esses marcos tenham contribuído para a intensificação das discussões no período. Evidências provenientes do campo das instituições de memória e informação no contexto estadunidense reforçam essa interpretação. Estudo realizado por Ahmed *et al.* (2022) com profissionais de bibliotecas, arquivos e museus nos Estados Unidos identificou que mais de 70% dos participantes perceberam mudanças institucionais em seus ambientes de trabalho após os eventos de 2020, incluindo alterações em políticas institucionais, criação de comitês e ampliação de espaços de discussão sobre justiça racial, indicando um processo inicial de institucionalização dessas agendas nesse setor.

Esse contexto coincide ainda com a intensificação de disputas políticas e simbólicas em torno das hierarquias raciais em diferentes contextos nacionais, incluindo o recrudescimento de movimentos de supremacia racial branca em países centrais, o crescimento de células neonazistas no Brasil, já anteriormente documentado por Dias (2018), e a expansão de movimentos masculinistas digitais articulados a discursos de restauração de hierarquias de gênero e raça, bem como com a consolidação de agendas interdisciplinares

voltadas à problematização da identidade racial branca e de seus regimes de privilégio. Essas dinâmicas podem ter favorecido a circulação ampliada dessas discussões também na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Ao analisar os dados de produtividade de autores e instituições, observam-se configurações institucionais específicas entre as bases internacionais (Dimensions e Scopus) e a base nacional (Brapci). Nas bases internacionais, destaca-se a concentração de autores vinculados a universidades dos Estados Unidos, sobretudo à *University of South Carolina* (USC), onde se encontram nomes recorrentes como Nicole A. Cooke e Mónica Colón-Aguirre. Esse agrupamento institucional sugere a existência de polos consolidados de pesquisa dedicados às discussões sobre raça, inclusão e justiça social na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Nesse cenário, chama atenção o protagonismo de mulheres negras entre as pesquisadoras mais produtivas identificadas nas bases analisadas. Destaca-se Nicole A. Cooke, com 15 produções na Dimensions e 5 na Scopus, líder em produtividade nas duas bases, e Mónica Colón-Aguirre, com 7 produções na Dimensions e 5 na Scopus, ambas docentes da USC. Também se sobressaem Renate L. Chanceler, com 7 produções na Dimensions e 4 na Scopus, da Syracuse University; Nastasha E. Johnson, com 5 produções na Dimensions, da Purdue University; e Fidelia Ibekwe, com 5 produções na Dimensions e 5 na Scopus, da Aix-Marseille University. Esse padrão evidencia o papel central dessas pesquisadoras na consolidação e circulação internacional da agenda de estudos sobre raça e branquitude na área.

No caso brasileiro, representado pela Brapci, a produção concentra-se majoritariamente em autores vinculados a instituições públicas, como o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), a Universidade Estadual Paulista (UNESP), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), refletindo a centralidade dessas instituições na estrutura da pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação no país. Entre os autores mais produtivos figura Gustavo Silva Saldanha, homem branco, com 11 publicações, majoritariamente em regime de coautoria, padrão que se relaciona à sua atuação como orientador em níveis de mestrado e doutorado e à dinâmica coletiva do Grupo de Pesquisa “*Ecce Liber: Filosofia, linguagem e organização dos saberes*”, do qual é líder. Nesse contexto, destaca-se de forma particularmente expressiva o protagonismo de pesquisadoras negras, sobretudo Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Dirnéle Carneiro Garcez, cujas

produções evidenciam liderança temática direta na construção e institucionalização dos estudos sobre raça e branquitude na BCI brasileira.

Franciéle Carneiro Garcês da Silva, em particular, desempenha papel estratégico não apenas pela sua produção como autora principal, mas também por sua atuação na coordenação do selo editorial Nyota — voltado à disseminação e visibilização de conhecimentos produzidos por mulheres, pessoas negras, indígenas e população LGBTQIA+ — e do Grupo de Trabalho Relações Étnico-Raciais e Decolonialidades, vinculado à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB). Essas iniciativas evidenciam que a consolidação dessa agenda no contexto brasileiro tem ocorrido de forma articulada entre produção científica, organização coletiva e atuação institucional. Além da atuação expressiva na Brapci, algumas dessas autoras aparecem igualmente nas bases internacionais, ainda que de forma menos frequente, indicando uma inserção global em expansão. Em conjunto, esses resultados sugerem que, tanto nas bases internacionais quanto na base nacional, a agenda de estudos sobre raça e branquitude na BCI tem sido fortemente impulsionada pela atuação de pesquisadoras negras, ainda que em configurações institucionais distintas de circulação e consolidação científica.

Com relação à produtividade por países, a análise comparativa entre as bases Scopus e Dimensions evidencia a predominância dos Estados Unidos, que lideram com ampla margem em ambas as plataformas. Esse desempenho pode ser interpretado à luz de fatores frequentemente apontados na literatura, como robustez de financiamento público e privado, tradição institucional consolidada em pesquisa e vantagem do inglês como língua de circulação científica. Um dado particularmente relevante surge na base Dimensions: a diferença quantitativa entre o Canadá, segundo colocado com 32 produções, e o Brasil, com 27, mostra-se pouco expressiva, destacando o desempenho e a crescente projeção internacional da pesquisa brasileira. Ainda assim, o cenário permanece marcado por assimetrias globais, nas quais a concentração da produção no circuito científico norteamericano contrasta com a participação ainda limitada da maioria das nações do Sul Global. Nesse contexto, torna-se pertinente questionar até que ponto essa predominância quantitativa também se traduz em centralidade na definição de agendas de pesquisa, parâmetros metodológicos e temas que ganham maior circulação internacional.

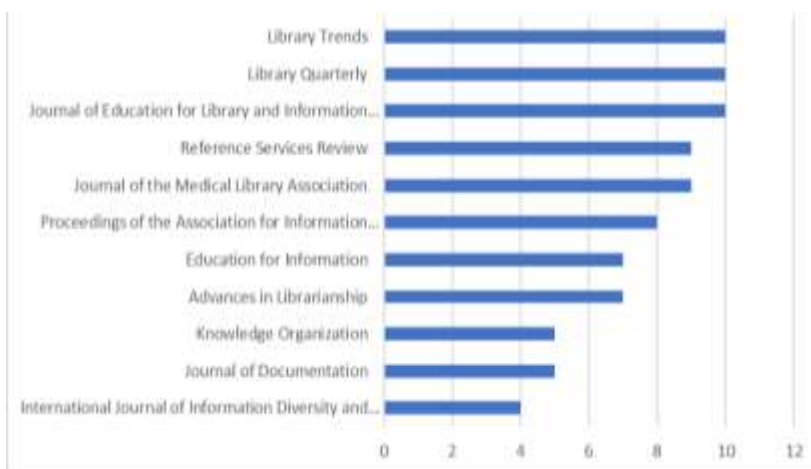
Os padrões observados nas bases analisadas permitem compreender como a produção científica sobre temáticas raciais na BCI é atravessada por dinâmicas de hegemonia

epistêmica, expressas na concentração de capital científico, redes de reconhecimento e capacidade de legitimação do conhecimento em determinados centros geográficos e institucionais. A predominância de autores vinculados a universidades norte-americanas nas bases Dimensions e Scopus evidencia a continuidade desse modelo, no qual grupos de pesquisa consolidados, como aqueles articulados em torno da produção de Nicole A. Cooke, exercem influência significativa na definição das pautas que ganham circulação internacional. Em contraste, o cenário brasileiro, ainda que menos volumoso, revela processos de consolidação interna sustentados por grupos de pesquisa como o Ecce Liber, indicando como redes locais de orientação, formação e cooperação acadêmica podem constituir polos relevantes de produção e circulação de saberes. Esses resultados sugerem que o debate sobre raça e branquitude na BCI se organiza tanto a partir de centros de autoridade acadêmica quanto por iniciativas que tensionam e ampliam esses circuitos, ainda que sua visibilidade permaneça condicionada por assimetrias históricas na circulação científica. Esse aspecto pode ser aprofundado na análise seguinte sobre produtividade de fontes.

A análise comparativa das fontes de publicação presentes nas três bases revela dinâmicas distintas entre o circuito internacional (Scopus e Dimensions) e o nacional (Brapi) (Gráficos 4, 5 e 6). Nas bases internacionais, predominam periódicos consolidados, de ampla circulação global e com tradição em estudos sobre diversidade, inclusão e justiça social no campo da Biblioteconomia, como *Library Trends*, *Journal of Education for Library and Information Science* e *Reference Services Review*. A recorrência desses títulos em ambas as bases indica a existência de um núcleo editorial relativamente estável responsável por grande parte da produção relacionada às temáticas raciais na BCI, concentrado em periódicos historicamente vinculados ao Norte Global e com ampla capacidade de difusão internacional.

A Scopus apresenta uma seleção mais restrita e orientada a revistas de circulação internacional consolidada (Gráfico 4), enquanto a Dimensions (Gráfico 5), mais abrangente, incorpora também periódicos interdisciplinares e anais de congressos. Ainda assim, em ambas as bases a circulação do tema permanece condicionada a dinâmicas de legitimação científica que privilegiam veículos sediados principalmente nos Estados Unidos e na Europa.

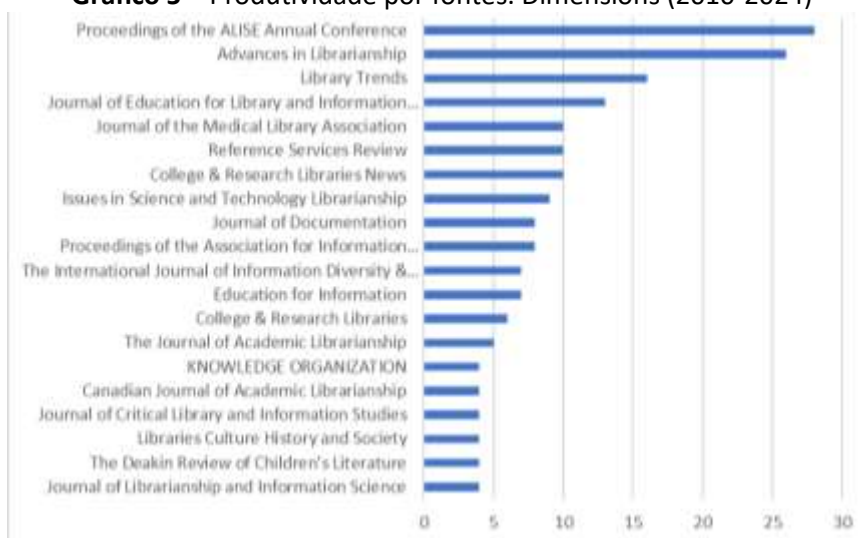
Gráfico 4 – Produtividade por fontes. Scopus (2010-2024)



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Descrição: Gráfico de barras horizontais que apresenta a produtividade por fontes na base Scopus entre 2010 e 2024. O eixo vertical lista periódicos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, enquanto o eixo horizontal apresenta uma escala de 0 a 12 documentos. Os periódicos com maior produtividade são *Library Trends*, *Library Quarterly* e *Journal of Education for Library and Information Science*, todos com cerca de 10 documentos. Em seguida aparecem *Reference Services Review* e *Journal of the Medical Library Association*, com aproximadamente 9 documentos cada. Os demais periódicos apresentam valores entre cerca de 4 e 8 documentos, incluindo *Proceedings of the Association for Information Science and Technology*, *Education for Information*, *Advances in Librarianship*, *Knowledge Organization*, *Journal of Documentation* e *International Journal of Information Diversity and Management*. O gráfico indica concentração da produção científica em um pequeno grupo de periódicos. [Fim da descrição]

Gráfico 5 – Produtividade por fontes. Dimensions (2010-2024)



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Descrição: Gráfico de barras horizontais que apresenta a produtividade por fontes na base Dimensions entre 2010 e 2024. O eixo vertical lista periódicos e eventos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, enquanto o eixo horizontal apresenta uma escala de 0 a 30 documentos. Os maiores valores correspondem a *Proceedings of the ALISE Annual Conference*, com cerca de 28 documentos, e *Advances in Librarianship*, com aproximadamente 26 documentos. Em seguida destacam-se *Library Trends*, com cerca de 16 documentos, e *Journal of Education for Library and Information Science*, com aproximadamente 12 documentos. Os demais periódicos apresentam valores menores, em geral entre cerca de 4 e 11 documentos, incluindo *Journal of the Medical Library Association*, *Reference Services Review*, *College & Research Libraries News*, *Journal of Documentation*, *Education for Information* e *Knowledge Organization*. O gráfico evidencia concentração da produção científica em poucas fontes, especialmente nos dois primeiros colocados [Fim da descrição].

Em contraste, a Brapci apresenta um perfil distinto, reunindo majoritariamente periódicos brasileiros e latino-americanos das áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação, além de incorporar os anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), que desempenham papel estratégico na consolidação de temas emergentes no campo. Esse papel foi ampliado a partir de 2022 com a criação do GT12 — “Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades”, da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB), responsável por institucionalizar um espaço dedicado às discussões sobre raça, interseccionalidades, teorias críticas, branquitude, epistemicídio, decolonialidades e justiça social e informacional. Tal movimento contribui para compreender mudanças recentes no panorama da produção científica sobre o tema no evento, que, segundo Alves e Côrtes (2023), correspondia anteriormente a apenas 0,96% dos trabalhos apresentados, e ajuda a explicar a concentração temática observada na base brasileira. Nesse contexto, a Brapci evidencia o papel dos eventos científicos nacionais como mecanismos relevantes de ampliação da visibilidade de agendas críticas que tendem a circular de forma mais limitada nas bases internacionais.

Gráfico 6 – Produtividade por fontes. Brapci (1983-2024)



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

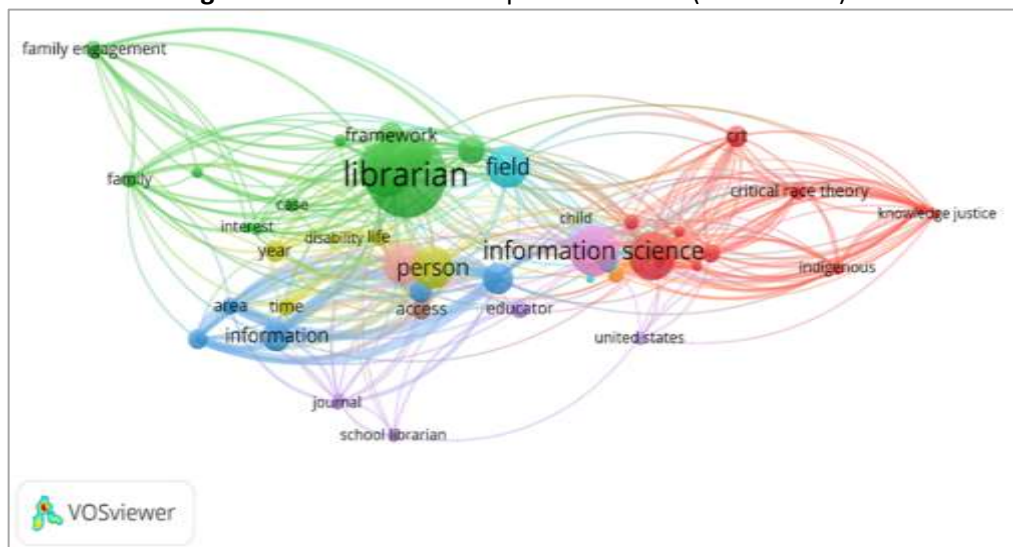
Descrição: Gráfico de barras horizontais que apresenta a produtividade por fontes na base Brapci entre 2010 e 2024. O eixo vertical lista periódicos e eventos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, enquanto o eixo horizontal apresenta uma escala de 0 a 30 publicações. O Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação apresenta o maior quantitativo de publicações, com cerca de 28 registros e barra significativamente mais longa que as demais. Em seguida aparece Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, com aproximadamente 5 publicações. Os demais títulos (Informação & Informação, Perspectivas em Ciência da Informação, Logeion: filosofia da informação e Brazilian Journal of Information Science) apresentam valores próximos entre 3 e 4 publicações. O gráfico evidencia forte concentração da produção científica em uma única fonte, o Enancib [Fim da descrição].

Em conjunto, os achados mostram que a circulação das temáticas raciais na BCI depende fortemente das características técnicas, editoriais e geopolíticas das bases

analisadas. Enquanto Scopus e Dimensions refletem padrões de concentração editorial associados ao circuito científico internacional dominante, a Brapci desempenha papel central na visibilização de debates decoloniais e antirracistas produzidos no contexto brasileiro, especialmente aqueles vinculados a redes de pesquisa, grupos acadêmicos e eventos que atuam como polos emergentes de produção e circulação de perspectivas críticas.

Finalmente, os mapas de coocorrência gerados no VOSviewer permitem visualizar como as temáticas raciais se articulam com outros conceitos-chave nas três bases analisadas. No caso da Dimensions (Figura 1), observa-se uma rede relativamente dispersa, formada por clusters amplos e com menor densidade relacional entre os termos, nos quais conceitos relacionados a raça, diversidade e inclusão aparecem menos articulados a outros termos de alta frequência na estrutura geral da rede. A presença desses termos, embora constante, surge conectada a conceitos mais genéricos como *society*, *culture*, *information behavior* e *education*, sugerindo que, no circuito internacional de ampla cobertura representado pela base, as discussões raciais na BCI tendem a se configurar como temas transversais, frequentemente associados a debates mais amplos sobre diversidade e equidade.

Figura 1 – Coocorrência de palavras-chave (Dimensions)

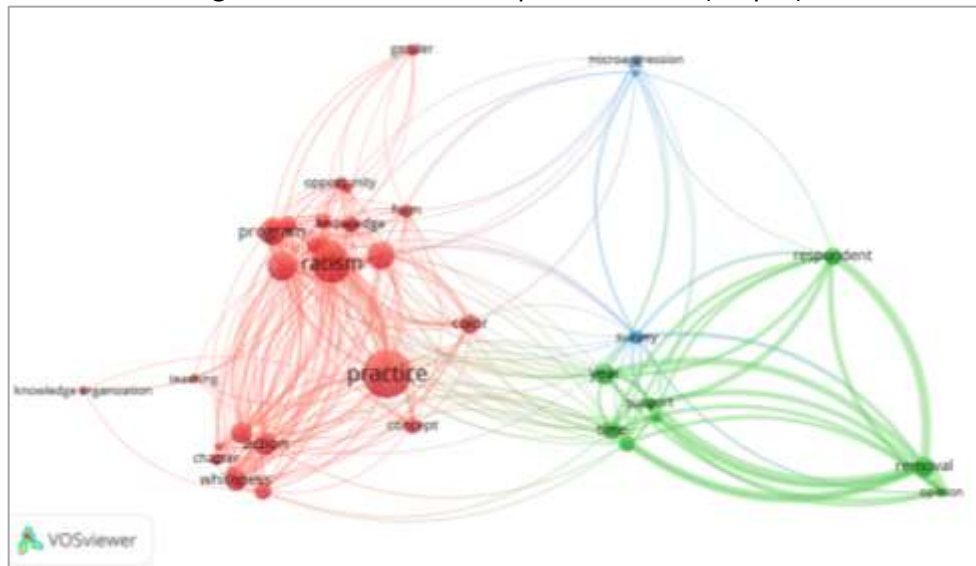


Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Descrição: Mapa de rede de coocorrência de palavras-chave gerado no software VOSviewer a partir da base Dimensions. A visualização apresenta termos conectados por linhas, formando agrupamentos temáticos identificados por diferentes cores. O tamanho dos termos varia conforme sua frequência de ocorrência, e as conexões indicam relações de coocorrência entre as palavras-chave. No centro da rede destacam-se os termos *librarian*, *information science*, *field* e *person*, que aparecem como os nós mais conectados. À esquerda concentram-se termos relacionados à biblioteca, educação e engajamento familiar, como *family engagement*, *framework*, *access* e *school librarian*. À direita aparecem termos associados a perspectivas críticas e justiça social, incluindo *critical race theory*, *knowledge justice* e *indigenous*. O mapa evidencia a formação de agrupamentos temáticos interligados em torno da Biblioteconomia e Ciência da Informação [Fim da descrição].

O mapa da Scopus (Figura 2) apresenta padrão semelhante, porém com maior densidade e articulação entre os termos. Palavras-chave como *racism*, *microaggressions*, *people of color* e *whiteness* aparecem organizadas em clusters mais coesos, indicando maior articulação de núcleos temáticos especializados. Ainda que essas temáticas não se configurem como eixo dominante da rede geral de palavras-chave, o agrupamento desses conceitos sugere a presença de linhas de pesquisa mais consolidadas, o que pode estar relacionado tanto ao perfil seletivo da base quanto ao protagonismo de pesquisadoras identificadas entre as autoras mais produtivas do corpus, como Nicole A. Cooke.

Figura 2 – Coocorrência de palavras-chave (Scopus)



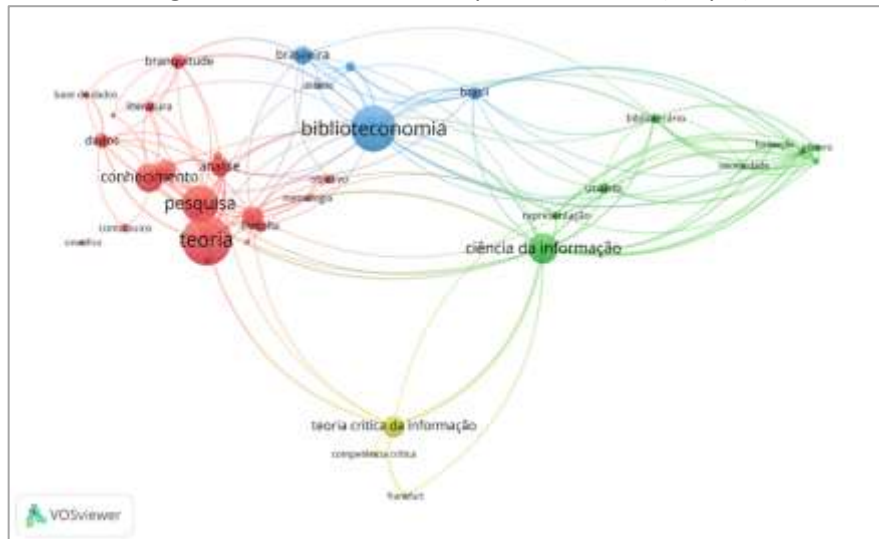
Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Descrição: Mapa de rede de coocorrência de palavras-chave gerado no software VOSviewer a partir da base Scopus. A visualização apresenta termos conectados por linhas, formando agrupamentos temáticos identificados pelas cores vermelha, verde e azul. O tamanho dos termos varia conforme sua frequência de ocorrência, e as conexões indicam relações de coocorrência entre as palavras-chave. No cluster vermelho, localizado à esquerda, destacam-se termos relacionados a questões raciais, educacionais e organizacionais, como *racism*, *practice*, *program* e *whiteness*. No cluster verde, à direita, aparecem termos associados a tempo, participação e respostas, incluindo *year*, *time*, *respondent*, *removal* e *opinion*. O cluster azul, localizado na parte superior, reúne termos ligados a métodos de pesquisa e fenômenos específicos, como *survey* e *microaggression*. O mapa evidencia a formação de agrupamentos temáticos interligados em torno de práticas, raça e dinâmicas sociais na Ciência da Informação [Fim da descrição].

A Brapci (Figura 3), por sua vez, revela cenário distinto, marcado pela presença de termos fortemente enraizados no contexto brasileiro e latino-americano. Expressões como *branquitude*, *teoria crítica da informação*, *epistemicídio*, *decolonialidade* e *movimentos sociais* aparecem de forma destacada, formando clusters próprios e com conexões diretas entre si. Esse padrão indica que, na produção nacional, as discussões raciais estão fortemente associadas a perspectivas críticas e decoloniais, refletindo debates internos do campo

voltados à problematização da hegemonia do cânone eurocêntrico e da reprodução de desigualdades epistêmicas. A centralidade desses termos também dialoga com a institucionalização recente do GT12 do ENANCIB, que tem impulsionado pesquisas relacionadas à raça, gênero, diversidade e justiça informacional.

Figura 3 – Coocorrência de palavras-chave (Brapci)



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Descrição: Mapa de rede de coocorrência de palavras-chave gerado no software VOSviewer a partir da base Brapci. A visualização apresenta termos conectados por linhas, formando quatro agrupamentos temáticos identificados pelas cores azul, verde, vermelha e amarela. O tamanho dos termos varia conforme sua frequência de ocorrência, e as conexões indicam relações de coocorrência entre as palavras-chave. No centro da rede destacam-se os termos *biblioteconomia*, *ciência da informação*, *pesquisa* e *teoria*. O cluster azul reúne termos relacionados à Biblioteconomia e ao contexto brasileiro, como *Brasil*, *brasileira* e *debate*. O cluster verde concentra termos ligados à Ciência da Informação incluindo *representação*, *usuário*, *bibliotecário* e *informação*. O cluster vermelho reúne palavras associadas à pesquisa científica, como *análise*, *metodologia*, *dados* e *literatura*. Já o cluster amarelo apresenta termos relacionados à teoria crítica da informação e competência crítica. O mapa evidencia a articulação entre estudos teóricos, metodológicos e sociais na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação [Fim da descrição].

Comparativamente, os três mapas sugerem configurações distintas de articulação temática das discussões raciais na BCI. Nas bases internacionais predominam conexões mais amplas com debates sobre diversidade, inclusão e comportamento informacional, sugerindo uma inserção transversal dessas temáticas no conjunto da literatura. Na Brapci, por sua vez, observa-se maior articulação com perspectivas críticas e decoloniais, associadas às especificidades do contexto brasileiro e latino-americano. Em conjunto, os mapas evidenciam trajetórias diferenciadas de consolidação dessas agendas nos distintos circuitos de publicação, indicando tanto avanços quanto limites na incorporação das discussões sobre raça e branquitude no campo.

5 CONCLUSÕES

Os resultados deste estudo evidenciam que a produção científica sobre raça, racismo, branquitude e justiça informacional na Biblioteconomia e Ciência da Informação apresenta padrões distintos quando observada a partir das bases internacionais (Scopus e Dimensions) e da base nacional (Brapci). Embora o volume absoluto de publicações seja ainda relativamente reduzido nos três contextos, a análise comparativa revela trajetórias, prioridades e configurações temáticas que ajudam a compreender como o debate tem se estruturado no campo.

Em termos de evolução temporal, as três bases registram um pico de publicações entre 2018 e 2022, período que coincide com transformações sociopolíticas de grande repercussão internacional e nacional. Ainda que não seja possível estabelecer causalidade direta, a pandemia de COVID-19, a amplificação global do movimento Black Lives Matter após o assassinato de George Floyd e a intensificação de disputas públicas em torno das hierarquias raciais podem ter contribuído para ampliar a visibilidade de desigualdades raciais e para dinamizar agendas críticas já historicamente presentes no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, em diferentes contextos nacionais.

A análise da produtividade de autores e instituições revela a forte centralização da pesquisa internacional nos Estados Unidos, especialmente em torno da University of South Carolina, com destaque para a liderança de pesquisadoras racializadas, como Nicole A. Cooke e Mónica Colón-Aguirre. Esse padrão sugere a existência de núcleos consolidados de pesquisa sobre diversidade e justiça social no Norte Global, mas também a baixa diversidade geográfica das bases internacionais.

No contexto brasileiro, a concentração é igualmente marcante, com destaque para pesquisadoras negras como Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Dirnéle Carneiro Garcez, reforçando o protagonismo de pesquisadoras racializadas na consolidação dessa agenda de pesquisa. Esses achados indicam que, em ambos os contextos, a produção tende a se organizar em torno de lideranças específicas.

Em relação às fontes de publicação, as bases internacionais concentram artigos em periódicos de ampla circulação internacional e tradição editorial consolidada, alinhados às dinâmicas hegemônicas de indexação. Já a Brapci inclui fontes relevantes para o cenário brasileiro, como os anais do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da

Informação (ENANCIB), especialmente após a criação do GT 12, que fortaleceu a circulação de pesquisas de caráter crítico, decolonial e interseccional. Essa configuração evidencia o papel da Brapci como espaço estratégico de visibilização de debates racializados vinculados ao contexto brasileiro e latino-americano, complementando os circuitos internacionais de publicação científica analisados.

Por fim, os mapas de coocorrência revelam diferenças marcantes: nas bases internacionais, os termos associados à temática racial aparecem de forma mais dispersa e conectados a categorias amplas relacionadas à diversidade e inclusão; na Brapci, conceitos como branquitude, epistemicídio, decolonialidade e movimentos sociais apresentam maior densidade relacional na rede de termos, evidenciando uma abordagem crítica e situada. Isso indica que, embora a discussão sobre raça esteja presente em todos os circuitos, a forma como ela se materializa varia conforme o contexto sociopolítico e editorial.

No conjunto, os resultados mostram que a discussão racial na BCI, apesar de crescente, ainda apresenta baixa representatividade relativa na produção científica global e nacional. Ao mesmo tempo, destacam o papel fundamental de grupos de pesquisa, lideranças racializadas e espaços institucionais brasileiros (como o GT 12 do Enancib) na construção de uma agenda crítica que tensiona a hegemonia epistêmica do campo.

Como limites do estudo, ressalta-se o escopo restrito às três bases selecionadas, a dependência dos descritores utilizados e a impossibilidade de identificar marcadores raciais dos autores de forma automatizada. Pesquisas futuras podem ampliar o corpus, incorporar técnicas de mineração de texto, examinar redes de coautoria e analisar o impacto dessas publicações na formação e na prática profissional.

Ao mapear comparativamente a produção científica nacional e internacional sobre raça e branquitude na Biblioteconomia e Ciência da Informação a partir de três bases complementares, este estudo contribui para ampliar a compreensão das dinâmicas de circulação, concentração e consolidação dessas agendas no campo, evidenciando tensões, lacunas e avanços na incorporação das discussões raciais na área. Os resultados reforçam a importância de fortalecer agendas antirracistas, ampliar a internacionalização da produção brasileira e contribuir para processos de transformação epistemológica comprometidos com a justiça informacional e a representatividade na produção do conhecimento.

FINANCIAMENTO

Esta pesquisa contou com bolsa de iniciação científica PIBIC UFRN.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos pareceristas pela revisão cuidadosa que contribuiu para aprimoramento da versão final do manuscrito.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADLER, Melissa. Classification along the color line: excavating racism in the stacks. **Journal of Critical Library and Information Studies**, Sacramento, CA, v. 1, n. 1, p. 1-32, Jan. 2017. DOI: <https://doi.org/10.24242/jclis.v1i1.17>. Disponível em: <https://journals.litwinbooks.com/index.php/jclis/article/view/17>. Acesso em: 13 abr. 2026.

AHMED, Sumayya; CLEMENS, Rachael; PATILLO, Ericka; MURILLO, Angela. Does it matter: have BLM protests opened spaces for collective action in Libraries, Archives, and Museums? **Journal of Critical Library and Information Studies**, v. 4, n. 1, p. 1-46, Sept. 2022. DOI: <https://doi.org/10.24242/jclis.v4i1.168>. Disponível em: <https://journals.litwinbooks.com/index.php/jclis/article/view/168>. Acesso em: 13 abr. 2026.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. Disponível em: <https://contrapoder.net/wp-content/uploads/2020/04/ALMEIDA-2019.-O-QUE-%C3%89-RACISMO-ESTRUTURAL.pdf>. Acesso em: 22 maio de 2026.

ALVES, Felipe Arthur Cordeiro; CÔRTEZ, Gisele Rocha. Raízes do epistemicídio negro: análise da produção científica do ENANCIB (1994-2019). **Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, e-124693, p. 1-27, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/emquestao/a/hwjSntBLvCMtGgSF6v6jPP/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2026.

AQUINO, Mirian de Albuquerque; SANTANA, Vanessa Alves. Práticas de organização e representação da informação étnico-racial em bibliotecas universitárias: necessidade de preservação da memória de negros. **RICI: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 17-36, ago./dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v6.n2.2013.1780>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1780>. Acesso em: 14 abr. 2026.

BEIGEL, Fernanda. Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento. **Nueva Sociedad**, n. 245, p. 110-123, mayo/jun. 2013. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/centros-y-periferias-en-la-circulacion-internacional-del-conocimiento/>. Acesso em: 18 maio 2021.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 5-58

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 8, n. 1, p. 607-630, enero/jun. 2010. DOI: <https://doi.org/10.11600/rlcsnj.8.1.70>. Disponível em: <https://revistaumanizales.cinde.org.co/rlcsnj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/70>. Acesso em 14: abr. 2026.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 22 maio 2025.

CAVALHEIRO, Fernanda Leitempergher; ARMADA, Charles Alexandre Souza. Eugenia: a influência da teoria galtoniana na história e na atualidade. **Revista Mundi Sociais e Humanidades**, Curitiba, v. 5, n. 3, p. 102-1-102-22, ago./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ifpr.edu.br/index.php/mundisociais/article/view/789>. Acesso em 18: abr. 2026

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane**. 2018. 366 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1060866>. Acesso em: 13 abr. 2026.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Ângela; GROSFUGUEL, Ramón. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 223-234, jul./dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v12i2.9096>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/9096>. Acesso em: 22 maio 2025.

GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SALES, Rodrigo de. Abya Yala e a ruptura epistêmica: caminhos decoloniais na Organização do Conhecimento via EDEOC. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2025, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: ANCIB, 2025. GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento. Disponível em: https://enancib.ancib.org/enancib/pt_BR/article/view/1914. Acesso em: 13 abr. 2026.

GOMES, Elisângela. Afrocentricidade: discutindo as relações étnico-raciais na biblioteca. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 21, n. 3, p. 738-752, ago./nov. 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1216>. Acesso em: 22 maio 2025.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 8–23. Disponível em:

<https://ufrb.edu.br/educacaodocampo/eduardo-lander-org-a-colonialidade-do-saber-eurocentrismo-e-ciencias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf>. Acesso em: 22 maio 2025.

LENINE, Enzo; MÖRSCHBÄCHER, Melina. Pesquisa bibliométrica e hierarquias do conhecimento em Ciência Política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 31, p. 123-160, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-335220203104>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/WzTqX8TDbPszCHhcSmm6ftS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 ago. 2025.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. 1. ed. Lisboa: Editora Antígona, 2014. Disponível em: <https://www.ppgcspa.uema.br/wp-content/uploads/2020/11/MBEMBE-Achille.-Cr%C3%ADtica-da-raz%C3%A3o-negra1.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2025.

MIGNOLO, Walter. El pensamiento des-colonial, desprendimiento y apertura: um manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GOSFROGUEL, Ramón (ed.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre, 2007. p. 25-46. Disponível em: <https://www.ceapedi.com.ar/Imagenes/Biblioteca/libreria/419.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2026.

MONGEON, Philippe; BROWN, Alison; DHALIWAL, Ratna; HILL, Jessalyn; MATTHEWS, Amber. A bibliometric analysis of race-related research in LIS. **Education for Information**, v. 37, n. 2, p. 231–246, May 2021. DOI: <https://doi.org/10.3233/EFI-211513>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.3233/EFI-211513>. Acesso em: 14 abr. 2026.

MUNANGA, Kabengele. O mundo e a diversidade: questões em debate. **Estudos avançados**, v. 36, n. 105, p. 117-129, mar./ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36105.008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7dxnhTYxMskypKpS6FcW98L/?lang=pt>. Acesso em: 7 ago. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 18 abr. 2026

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicologia USP**, v. 17, n. 1, p. 89-98, mar. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000100007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/kQXPLsM8KBkZYSBTnTGhvmj/?lang=pt>. Acesso em: 7 ago. 2025.

OLSON, Hope A. **The power to name**: locating the limits of subject representation in libraries. Dordrecht: Springer Science+Business Media, 2002.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107–130.

RACIAL EQUITY TOOLS. Racial Equity Tools Glossary. [S.l.]: Equity in the Center, c2020. Disponível em: <https://www.racialequitytools.org/glossary>. Acesso em: 13 abr. 2026.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy; BUFREM, Leilah Santiago; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. La producción científica latinoamericana desde una mirada poscolonial. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 8, n. 2, 2015. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/357>. Acesso em: 19 out. 2025.

SANTOS, Andréia dos. **Análise da representação terminológica da temática negra em sistemas de organização do conhecimento**. Orientador: Luciane Paula Vital. 2020. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216234/PCIN0224-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 7 out. 2025.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 83-94, abr. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ZFbbkSv735mbMC5HHCsG3sF/?lang=pt>. Acesso em: 7 ago. 2025.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. Colonialidade do saber e dependência epistêmica na Biblioteconomia: reflexões necessárias. In: CARDONA, Natalia Duque; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da (org.) **Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação: Contribuições da Colômbia e do Brasil**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 119-202. Disponível em: https://www.nyota.com.br/_files/ugd/c3c80a_ad9118af99b647f982983508c8093589.pdf. Acesso em: 14 abr.2026.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; PIZARRO, Daniella Camara. As Almas do Povo Branco: supremacia racial e branquitude na Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 16, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/636>. Acesso em: 13 abr. 2026.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; SALDANHA, Gustavo Silva. Biblioteconomia negra brasileira: caminhos, lutas e transformação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 1-24, 2019. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/492/473>. Acesso em: 7 ago. 2025.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; SALDANHA, Gustavo.; PIZARRO, Daniela Camara. A branquitude nas práticas docentes em biblioteconomia e Ciência da Informação: notas teórico-críticas sobre um ensino que promove o preconceito racial. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]** Londrina: UEL, 2018. p. 3810-3831. GT 6 – Informação, Educação e Trabalho (Comunicação Oral). Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1013. Acesso em: 13 abr. 2026.

SILVA, Maria Clara Tavares da. **Racismo na organização do conhecimento**: um olhar da produção científica na base de dados Scopus. Orientadora: Nancy Sánchez Tarragó. 2022. 84f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48964>. Acesso em: 7 ago. 2025.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. *In*: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (org.). **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. p. 330–391. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/7bzx4/pdf/hochman-9788575413111-11.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2026.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; TANUS, Gustavo. Onde estão os autores e autoras negras? A literatura afro-brasileira nos acervos das bibliotecas públicas brasileiras. **Diacrítica**, v. 34, n. 2, p. 249–263, jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.21814/diacritica.4996>. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/diacritica/article/view/4996>. Acesso em: 13 abr. 2026

VERGNE, Maria Cleonice de Souza; ROCHA, Júlio César de Sá da.-A escravidão: passado e presente. **Opará**: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação, Paulo Afonso, v. 9, n. 14, e142004, p. 1-29, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/opara/article/view/13676>. Acesso em: 7 ago. 2025.

Declaração de Contribuição dos Autores

Rosângela Ferreira Odilon – Conceptualização – Curadoria dos Dados – Análise Formal – Investigação – Metodologia – Visualização – Escrita (rascunho original) – Escrita (análise e edição).

Nancy Sánchez Tarragó – Conceptualização – Aquisição de Financiamento – Investigação – Metodologia – Administração do Projeto – Supervisão – Validação – Escrita (análise e edição).

Como citar o artigo

ODILON, Rosângela Ferreira; SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy. Raça, branquitude e produção científica na Biblioteconomia e Ciência da Informação: tensões epistêmicas em perspectiva bibliométrica. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, RN, v. 10, p. e42222, 2026. DOI: <https://doi.org/10.21680/2447-0198.2026v10n1ID42222>.

Editores de seção

Dra. Jacqueline de Araújo Cunha  